

Folder Cemitério São Miguel: um agente colaborador na função educacional *Folder of Cemetery São Miguel: an agent of collaboration in the educational function*

BORGES, Maria Elizia.

Doutora em Artes, pela Universidade de São Paulo, USP

SANTANA, Marissol Martins de.

Especialista em Artes Visuais, pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás

Palavras-chave: design gráfico; material educativo; cemitério.

RESUMO: Encontra-se, neste artigo, a metodologia aplicada na criação de um folder a ser utilizado como material educativo em visitas guiadas em cemitérios, neste caso específico o Cemitério São Miguel, na cidade de Goiás-GO, em que se consideram como critérios o vínculo com o público-alvo e o compromisso estético na comunicação social.

Key words: *graphic design; educational material; cemetery.*

ABSTRACT: *In this article it is found the methodology applied in the creation of a folder to be used as educational material in guided visits to cemeteries, in this specific case the Cemetery São Miguel, in Goiás-GO, in which are considered as criteria the link with the target group and the esthetical commitment in social communication.*

Folder Cemitério São Miguel: um agente colaborador na função educacional

A proposta de ampliar o conhecimento cultural sobre arte funerária como fonte de criação artística em cemitérios partiu de pesquisa desenvolvida pela doutora Maria Elizia Borges, coordenadora do projeto Arte Funerária no Brasil, e que conta com apoio do CNPq no projeto integrado de pesquisa (2002/2004). Juntamente com alunos bolsistas da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), idealizou-se a criação de fôlderes a serem utilizados como material educativo em visitas guiadas feitas pela comunidade local e para atender os turistas que visitam o referido espaço público.

Por meio de pesquisas, verificou-se que em outros países, áreas de ciências humanas como a antropologia, a história, geografia e a sociologia valorizam os cemitérios como fonte de conhecimentos, tema ainda pouco explorado no Brasil. Assim, ao se propor a elaboração de fôlderes para utilização em visitas guiadas aos cemitérios do estado de Goiás, tem-se uma iniciativa pioneira em nosso país, pelo o fato de que, nos cemitérios goianos, dispõe-se de informações detalhadas dos modelos artísticos de túmulos mais adotados nos séculos XIX e XX, com os valores regionais da sociedade que estão ali documentados, tornando-os especialmente diferentes sob esse aspecto se comparados aos europeus e norte-americanos¹.

Acredita-se que este estudo possa trazer novas perspectivas na elaboração de materiais educativos, em que o *design* gráfico atua como agente colaborador para o rompimento do preconceito existente em relação ao local, que é considerado o oposto da cidade. Os fôlderes apresentam uma inovação para o ensino nos cursos de Artes Visuais, História e Arquitetura, dado que o cemitério pode adquirir uma função educacional, pois é um lugar que apresenta objetos detentores da história e da produção artística, assim como os museus.

1- Estudo sobre material didático

Para o fôlder cumprir a função planejada, foi necessário realizar pesquisas e análises sobre materiais didáticos em ações educativas relacionadas ao ensino da arte. Primeiro, avaliou-se apenas uma atividade desenvolvida sobre o tema cemitério, por ser considerada uma ação rara. Depois analisaram-se atividades educativas também, relacionadas à arte em instituições culturais, com destaque para verificação dos seguintes critérios: a base teórica de explicação da ação (o que é); o objetivo dessa ação (para quê); a clientela (para quem); o local onde foi realizada a ação (onde); o material didático da ação (o suporte informativo); o papel do monitor ou orientador da ação (o mensageiro da informação); e os procedimentos

utilizados na ação (o que fazer). Com base em tais critérios obtiveram-se os parâmetros para estruturação da informação, bem como para o planejamento do material educativo.

- Exemplo de ação educativa sobre *Sentimento, pesar e sepultura: tradições vitorianas de luto*

A ação educativa sobre o histórico da morte vitoriana foi a que mais se aproximou do tema proposto para o desenvolvimento do conteúdo de folder sobre cemitérios. Esta foi realizada, por meio de uma exposição, no Museu Neville, em Green Bay, Wisconsin (EUA), no período de março a dezembro de 1991, com o tema *Sentiment, sorrow and sepulcher: victorian mourning traditions* (Sentimento, pesar e sepultura: tradições vitorianas de luto), de responsabilidade de John Graf, curador de história do museu citado. Essa mesma exposição também foi planejada e instalada no Museu Histórico Estadual de Wisconsin por David Mandel e Adele Karolik, sendo que Howard Kanetzke (1991) desenvolveu o manual dirigido a docentes.

Distribuiu-se aos visitantes um manual, como material informativo, contendo o mapa da exposição, para ser usado na localização das seções, indicando os artefatos e recursos visuais que foram incorporados aos roteiros da visita. As seleções de artefatos foram marcadas com cores distintas para diferenciar a idade dos visitantes. Ao final de cada manual têm-se formulários em branco para se fazer escolhas antecipadas em relação a cada tipo de roteiro, dependendo da faixa etária e do interesse específico pelos grupos. A exposição foi dividida em dez seções, cada uma explorou um aspecto de como a sociedade encarava a morte e praticava o luto durante a última metade do século XIX e o início do século XX. A atividade proposta contou dois momentos, sendo o primeiro partindo do processo de observação e questionamento das obras, juntamente com monitor e o segundo direcionado para a feitura do frottage, que consiste na técnica de obter uma cópia da textura, contida na lápide colocando um papel sobre a superfície e esfregando o giz de cera em cima dela. Esse processo fez com que os visitantes entrassem em contato com os artefatos e recursos visuais, estimulando-os a transmitir suas emoções.

- Exemplos de ações educativas realizadas em instituições culturais

A partir dos três exemplos citados abaixo e selecionados, para o estudo do processo de elaboração de folders para cemitérios, evidenciaram-se parâmetros para avaliação de um modelo padrão cujo conteúdo didático se apresentou mais adequado para fins educacionais. Assim, construiu-se uma estrutura hierárquica de informações que passaram a fazer parte de um processo de ensino.

Projeto MEL – MAC, São Paulo, 1999 – Trata-se de parte do projeto criado em 1992 como uma ação permanente desenvolvida pelo Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo. Esse projeto integra-se ao Programa de Ensino Público do Estado de São Paulo, tem o apoio da Fapesp e é coordenado por Maria Angela Serri Francoio, da Divisão de Ensino e Ação Cultural. Uma das atividades de ação educativa do Museu Educação e o Lúdico (MEL), criada em 1999 é *Ciranda de formas: bichos, jogos, brinquedos e brincadeiras* (MAC, 2001). O projeto dá ênfase ao local como ponto de encontro entre os alunos e a vida e obra dos artistas ali resguardados, e o Museu se constitui num espaço intermediário na acomodação tanto das obras expostas, utilizadas como objeto de estudo, quanto dos grupos de estudantes que ali vão adquirir as informações necessárias para seu conhecimento. O material didático é um catálogo especialmente elaborado com reproduções em tamanho original de algumas obras do acervo do MAC e utilizado como instrumento de auxílio aos professores nas orientações de seus alunos antes, durante e depois da visita ao museu. O conteúdo ministrado em sala de aula é trabalhado com alunos desde a educação infantil até o ensino fundamental, com uma ideologia educativa fundamentada na Proposta Triangular de Ensino da Arte (apreciação, contextualização e fazer artístico), de autoria da professora Ana Mae Barbosa.

Centro Cultural Banco do Brasil / SP: Corpo Coletivo, do artista plástico Alex Flemming, 2001 – Desenvolvido sob a coordenação de Ana Amália Barbosa, Regiane Coutinho e Sofia Fan, no Centro Cultural Banco do Brasil no ano de 2001, em São Paulo, esse programa educativo teve como propósito colocar à disposição do público e da comunidade paulistana algumas obras do artista Alex Flemming. Com visitas monitoradas e oficinas no espaço do Centro Cultural Banco do Brasil, com o objetivo de estabelecer critérios para que o espectador refletisse sobre seu próprio corpo como limite em relação ao mundo à sua volta. Foram elaborados, como material informativo, vários encartes no formato de cartões-postais, com reproduções fotográficas das obras, em que constavam no verso desse material várias perguntas, com algumas instruções reflexivas tais como: “Você sabia?; Que tal?; Observe; Pense” (CENTRO CULTURAL, 2001). Merece

destaque nessa ação o trabalho desenvolvido pelos monitores, que para estabelecerem diálogos entre os participantes tinham a função de levantar questões para o espectador reconhecer, examinar, analisar, considerar, avaliar, julgar e formar sua própria opinião, no sentido de apreciar a exposição. Assim, era o monitor quem fazia a pergunta-chave: “O que você acha?”. Ele não dispunha de um roteiro específico, apenas questões para orientar o espectador na formulação de uma história dentro do seu contexto de vida.

Mostra Rio Gravura, 1999, Rio Janeiro – Desenvolvida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Educação, em 1999, essa amostra fez parte do projeto coordenado pela diretora de Projetos do Rioarte, Maria Julia Vieira Pinheiro, e contou com o apoio de outras instituições. Foram montadas oficinas sob tendas do espaço da própria escola com o objetivo de ensinar algumas técnicas aplicadas no processo de gravura. Para a elaboração da ação educativa, foram distribuídos, como material didático, folhetos (Folheto do Professor e Folheto do Aluno) contendo noções básicas do processo de gravura e informações históricas. Nos dois tipos de folhetos, a imagem de capa apresentava um processo simples de gravura: a marca de um pé deixada na areia da praia. Trata-se de imagem que denota todo o sentido relacionado ao processo de gravura, ou seja, cavar uma superfície com um objeto, e também introduzir a história do surgimento dessa técnica e de sua importância para a humanidade até o presente.

- Análise das ações educativas citadas

Dos quatro exemplos distintos de ação educativa citados acima, realizados por instituições culturais, definiram-se quatro princípios comuns que podem ser aplicados por educadores de artes visuais em futuras visitas guiadas, no caso dos cemitérios brasileiros. Eles descrevem exemplos de artefatos e elementos iconográficos como suporte para o ensino artístico e cultural que enfatizam sua importância histórica e cultural para as comunidades. Primeiro: a interatividade do espectador com a atividade educativa proposta, dado que o visitante não fica indiferente. Sua opinião torna-se essencial no processo de aprendizagem, pois o monitor busca o interesse em saber o que ele está vendo ou fazendo; Segundo: o papel do monitor não é passivo, porque ele não é um mero orientador. O monitor passa a ser um acompanhante no processo que o próprio visitante constrói por meio da obra exposta; Terceiro: o referencial artístico é utilizado como contexto interdisciplinar, histórico, sociológico e do cotidiano; Quarto: a apropriação do material educativo utilizado em cada ação educativa apresenta o local como uma fonte de referência artística, o lugar de integração com vários conhecimentos.

Os exemplos aqui citados não foram estudados apenas a estética do material gráfico, mas também o conteúdo educacional, entende-se que cada um deles tem um propósito representado graficamente, segundo os moldes de suas necessidades vigentes. Por isso, ao propor a construção de pôsteres como material educativo, antes de tudo eles devem integrar um processo de ensino. Portanto, ao investir em valores regionais que beneficiem a exibição dos cemitérios numa ação cultural, ter-se-á uma ação educativa a partir do compromisso dos educadores de ensino da arte em proporcionar ao visitante a construção da consciência do olhar como lugar de memória.

2- Proposta de ação educativa no Cemitério São Miguel

Para o cemitério ser considerado campo de ação no ensino da arte, foi preciso, inicialmente, pesquisar sua estrutura, sua história. Além disso, ao se propor metas na elaboração do material educativo, convém ter conhecimento de atividades estruturadas num planejamento de ensino. Segundo esse campo de ação educativa, destaca-se a percepção de Kanetzke². Quanto a utilização do pôster *Cemitério São Miguel* como material didático torna-se um meio indispensável na concretização de uma ação educativa, visto que nele estão contidas informações necessárias ao desenvolvimento de uma atividade educacional. Sua função é despertar a consciência para valores antes não percebidos, pois poderão ocorrer debates sobre questões referentes ao cemitério, cabendo ao educador trabalhar com os temas propostos no pôster, para transmissão das informações históricas e resgate dos valores artísticos existentes no local, rompendo, assim, com preconceitos.

O vínculo com o público-alvo está em oferecer às comunidades informações necessárias ao conhecimento e ao enriquecimento cultural. Segundo o estudo desenvolvido por Ferraz e Fusari³ sobre métodos e planejamento de ensino em arte, designam-se os princípios das ações em atividades para desenvolvimento de uma aprendizagem, que proporciona à comunidade uma atividade cultural. Concretiza-se uma ação educativa

quando esta propõe atividades para o desenvolvimento educativo e cultural do cidadão, diferente de uma visita guiada que visa apresentar o local, com um monitor especialista, apenas para evidenciar sua importância histórica e artística. Para caracterizar uma ação educativa propõe-se aos profissionais da arte educação a utilização, do pôster *Cemitério São Miguel*, numa visita guiada, com a realização de outras atividades educacionais, como por exemplo, o desenvolvimento do processo fotográfico e o da *frottage*, atividade proposta no Museu Neville sobre as tradições do luto vitoriano, em Wisconsin (EUA).

Para o processo fotográfico, o monitor, ou coordenador da atividade, fica responsável por uma máquina fotográfica *Polaroid*, uma caneta, papel e uma prancheta, contendo a ficha sobre o procedimento da atividade fotográfica. Esse processo consiste em o participante justificar a foto que ele fez. Trata-se de um processo rápido: 20 segundos para focar a imagem e bater, depois ele passa a máquina para outra pessoa, que adotará o mesmo procedimento, e justificará por escrito o motivo escolhido, colocando no papel, seu nome e o número correspondente à sua ordem de espera. No caso da execução do processo de *frottage* são necessários os seguintes materiais: uma folha grande de papel-manteiga (quanto mais fino, melhor), giz de cera de cores escuras, um rolo de fita crepe, um par de tesouras, um pincel firme pequeno, sacos de papel para colocar lixo, um tubo comprido de papelão para armazenar o trabalho acabado.

Ao final dessas atividades todos os participantes poderão compor um painel participativo para exposição de seus trabalhos. A participação do grupo nesse painel tem como objetivo questionar a experiência de cada um em fazer parte da atividade proposta e de reconhecer a importância do resgate histórico e artístico dos cemitérios. Trata-se de uma oportunidade para os visitantes expressarem suas opiniões sobre as atividades desenvolvidas durante uma visita guiada. Ações culturais em cemitérios fazem despertar o interesse sobre questões provenientes da produção artística, como reflexão sobre uma atitude estética, de modo a que os visitantes possam perceber as interferências históricas e culturais num local tratada com reservas. Torna-se essencial a utilização do pôster como portador dessas informações, para que essa percepção estética envolvida na expressão cultural seja responsável pelo rompimento com o preconceito existente sobre o local.

3- Compromisso estético na comunicação social

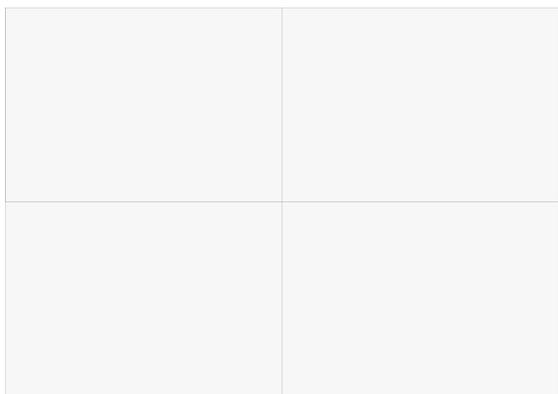
A construção de um material gráfico, com propósito educacional e vinculado a uma identidade própria, propicia uma padronização gráfica ao conteúdo preestabelecido, conforme as características do cemitério, e obedece a um estilo de informação a ser visualizada. No caso da construção do pôster *Cemitério São Miguel*, apresenta-se informações direcionadas ao propósito específico do material educativo, como nos moldes adotados pelas instituições citadas nos exemplos. Esse conteúdo foi ordenado hierarquicamente, conforme metodologia aplicada no projeto gráfico composta em cinco fases: a primeira fase – de pesquisas referentes aos métodos aplicados em ações educativas e levantamento histórico da cidade de Goiás e do cemitério São Miguel; a segunda fase – de elaboração do texto que compõe o conteúdo do pôster; a terceira fase – de seleção de imagens para melhor representar o texto; a quarta fase – de estudo da composição e diagramação das imagens e do texto para, através de vários rascunhos, dar um formato ao pôster; a quinta e última fase – de estudo das cores, das formas de manchas gráficas, de estudo do papel e das técnicas disponíveis para a impressão, com o cálculo de viabilidade do produto gráfico, no sentido de facilitar a identificação do custo-benefício na hora da publicação.

Com base na pesquisa sobre cemitérios criou-se uma padronização na hierarquia de assunto, devido ser importante obter informações sobre: o nome do cemitério; a apresentação histórica da cidade relacionada com o cemitério; a descrição da característica arquitetônica do local; as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento na região; e a ficha técnica, em que se destacam os créditos e os contatos para informações. Esses critérios tornaram-se decisivos para o planejamento visual dos pôsteres de cemitério.

Na concepção do pôster *Cemitério São Miguel*, adotou-se uma divisão de conteúdo que contemplasse a hierarquia de assuntos abordados, após a realização de estudos das cinco fases, propuseram-se: *Capa*: com o nome do cemitério em evidência tem o enquadramento, as cores e a diagramação do ícone compõem uma significação. É destacada pela imagem do arcanjo São Miguel, seu padroeiro, estátua esculpida por Veiga Valle, destacado artista goiano do século XIX; *Apresentação*: descreve a relação histórica existente entre a cidade e o cemitério; *O cemitério*: subdividido em história e estrutura arquitetônica, estabelece relações com as características dos túmulos mais marcantes; *As pessoas*: o cemitério é apresentado como lugar de tributo àqueles que contribuíram com suas vidas para o desenvolvimento da cidade. Aqui se completa o ciclo: o

cemitério relaciona historicamente a cidade e as pessoas; *Ficha técnica*: traz as informações contato e os créditos relativos aos autores e colaboradores do projeto; *A planta baixa*: por meio de linguagem gráfica, são apresentadas as características do cemitério, de forma peculiar, definindo o propósito focado na apresentação dos túmulos mais significativos, bem como a estrutura arquitetônica dos cemitérios. Esses assuntos foram organizados no projeto do fôlder *Cemitério São Miguel*, baseado na metodologia proposta por Peón (2000), obedecendo à seguinte ordem de procedimentos: a escolha do formato, do suporte, da diagramação, das cores, da tipografia e o acabamento.

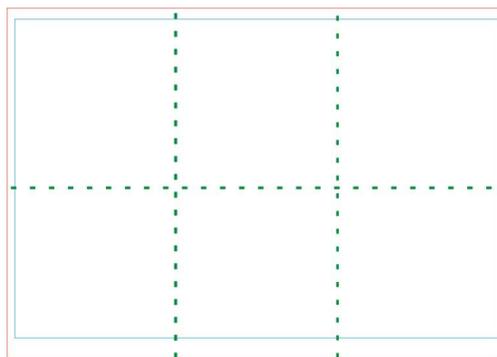
O Formato – Configura-se o formato com base em tabela de corte de papel fornecida pela gráfica responsável pela impressão, segundo mostruários em que constam padrões de medidas para o corte e o tamanho da área a ser impressa. Para o fôlder *Cemitério São Miguel*, o formato é DIM (Deutsche Industrie Normen), da série CC, 917 X 1297 mm (fig. 1), estabelecido pelo tamanho C2, ou quatro folhas de 45,8 x 64,8 cm. Esse formato, segundo Ribeiro (1997), foi criado pela Associação de Engenheiros Alemães visando à economia de papel e à racionalização de mão-de-obra.



(fig. 1) - Formato é DIM, série CC, 917 X 1297 mm

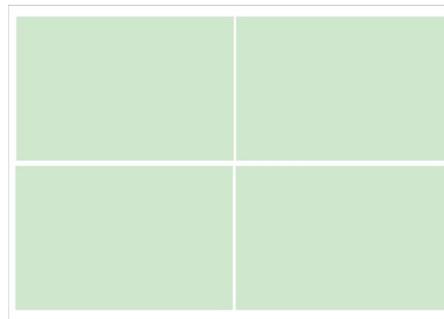
O fôlder em questão possui a mancha gráfica em seis divisões na frente e uma divisão no verso (fig. 2). Na parte da frente constam os textos referentes ao cemitério intitulados: “A cidade de Goiás”, “Cemitério São Miguel”, “Cidade dos mortos”, “As famílias”, “Referências bibliográficas”. Há ainda a capa e a ficha técnica. No verso, em destaque, aparece a planta baixa do cemitério, com os números dos túmulos de acordo com a pesquisa feita por Maria Elizia Borges, juntamente com as respectivas fotografias, acompanhadas de uma breve descrição.

Para montagem das quatro folhas na posição correta, calcularam-se as áreas de corte (com espaço 3 mm) e as respectivas áreas de dobras (1 mm), com as sobras relativas à posição das pinças que puxam a folha na hora da impressão (margens de 2 e 3 cm). A área pintada de verde representa a mancha gráfica e a área em branco é a sobra de papel. (fig. 3).



(fig.2) – Legenda da divisão:

- Linha limite: 458 X 648 mm
- Linha de corte: 420 X 626 mm
- Linha de dobra:
- 1 horizontal = 210 X 626 mm
- 3 verticais (da esq. p/ dir.) =
- 1º) 207 mm;
- 2º) 208 mm;
- 3º) 210 mm

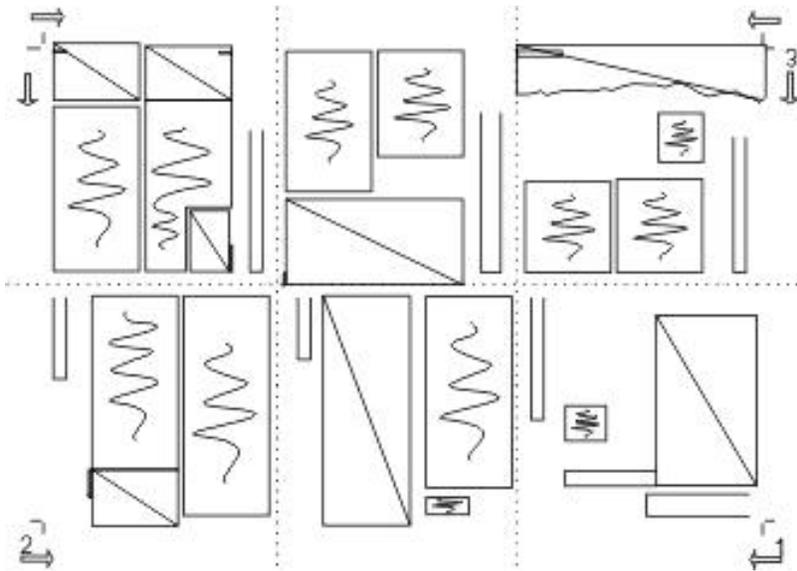


(fig. 3) - A área verde representa a mancha gráfica, com divisão de quatro folhas de 45,8 x 64,8 cm.

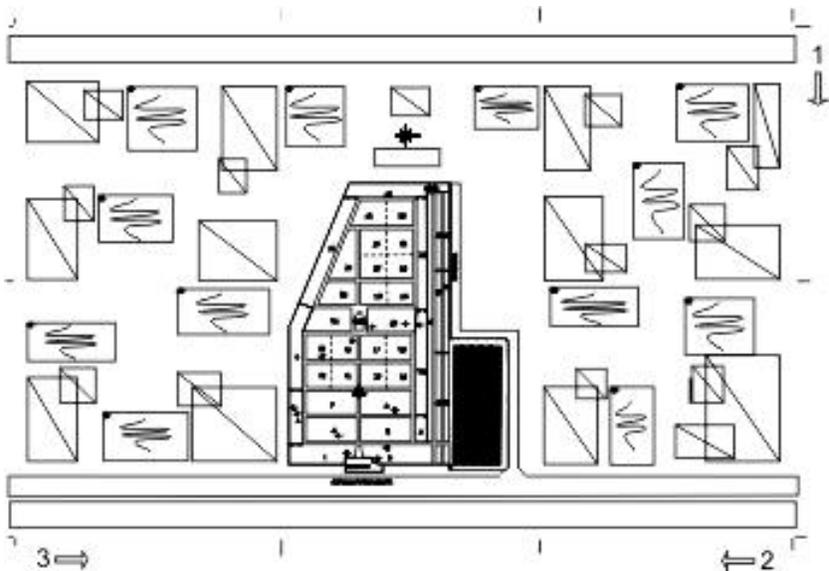
O Suporte – De acordo com Collaro (2000), a qualidade do material gráfico depende em grande parte do papel utilizado na impressão. Por isso, ele deve ser selecionado levando-se em conta a aparência final do produto e também a redução de custos. No caso do fôlder *Cemitério São Miguel*, as especificações foram selecionadas segundo os mostruários de papéis Suzano, indicado para impressos em que há exigência de boa definição das cores, nitidez de texto, observando-se principalmente o número de dobras e o tamanho do material. O papel escolhido foi o Couché Reflex Arctic L2, de gramatura 180 g/m² e espessura 151, para dar maior firmeza ao produto. Considerou-se ainda o polimento, adequado à superfície a lisura de 1,2, com o

brilho de 75% e opacidade 98, que oferece um bom acabamento na reprodução de policromias, conforto no manuseio e proporciona uma leitura agradável.

A diagramação – Ela refletiu o estilo-padrão proposto pela hierarquia de assuntos, quanto ao aspecto gráfico, destacando os elementos visuais, tais como o formato de páginas, a tipografia, o alinhamento e o agrupamento dos textos, a fim de favorecer a questão da unidade visual necessária à composição do material. Quanto à configuração do texto como uma ferramenta visual, procurou-se dar às páginas uma caracterização que propiciasse a realização de uma leitura mais agradável. Para isso, as colunas de textos, com alinhamento justificado, foram projetadas com 7,5 cm de largura separadas por um espaçamento de 0,7 cm. As páginas contêm margens esquerdas de 3,9 cm, com espaços reservados para os subtítulos. Essa composição da diagramação de textos e imagens foi utilizada como elemento de repetição nas páginas da parte frontal (fig.4) e no verso (fig.5) do pôster, serviu como uma forma de guia visual, segundo estudo de ícones, de formato e de cores, no sentido de ajudar a identificar as características mais marcantes do cemitério.



(fig. 4) - Diagramação da parte frontal do pôster *Cemitério São Miguel*



(fig. 5) - Diagramação da parte do verso do pôster *Cemitério São Miguel*

As cores – O emprego da cor verde na planta baixa remete à função do visitante em visualizar os túmulos mais significativos como um mapa a ser explorado. É uma cor que remete à calma, aspira ao repouso, ligando-se também à natureza. Segundo Pedrosa (1982), um estudioso das cores, na China é considerada a cor da esperança, da força, da longevidade, da imortalidade, das virtudes medicinais. No Egito, era símbolo de ressurreição. Na mitologia grega, simbolizava a razão. No Islã, o verde é a cor do conhecimento, assume um valor místico, dos amores infantis. Na Idade Média, o sinople, esmalte verde do brasão, significava bosques, campos de verdura, esperança, civilidade, amor, honra, cortesia, amizade, domínio, obediência, compreensão, lealdade⁴. Na composição das fotografias com as cores a serem utilizadas no desenho da planta baixa, foram realizados estudos, e optou-se pelas neutras, em escala nos tons de verde, visando principalmente à leveza e ao arejamento. Empregou-se a tabela de cores CMYK do programa computacional Corel 9, e a cor vista no monitor foi comparada com a da tabela de cor fornecida pelas gráficas, para melhor adequação aos padrões de cores usados na impressão.

A cor de fundo e das ruas e avenidas, utilizada na parte verso do folder representa o interior do cemitério, possui um tom de verde mais escuro que as cores das quadras internas do cemitério, para estabelecer um contraste, reforçado pela linha de contorno do verde mais escuro. Nas elipses utilizadas para enumerar os túmulos e destacar as legendas das fotos, foi adotado o verde-escuro (100% ciano, 70% magenta e 100% *yellow*). Para ressaltar as indicações dos números e assegurar maior legibilidade ao texto, na parte interna do cemitério em verde, utilizaram-se (40% de ciano e 40% de *yellow*). As variações de tons de verdes e de tamanhos de fontes dos números da planta baixa foram usadas para indicar contrastes na variação de informações. Para o texto, na parte externa do cemitério, empregou-se um amarelo esverdeado-claro, para suavizar o contraste em relação ao verde-escuro do ornamento gráfico.

A Tipografia – Empregou-se a fonte *Garamond* como tipografia-padrão, corpo 10 para o texto, 48 para os subtítulos e 60 para o título. Para escolha dessa fonte considerou-se o tema tratado, que envolve não só a história, mas também os sentimentos. Segundo Farias (1998), a fonte Garamond apresenta as características dos tipos antigos, com um discreto contraste, ênfases inclinadas e serifas com apoios sutis. É uma tipografia eficiente e legível, pois favorece a identificação das palavras com maior rapidez. Além disso, é uma fonte considerada clássica, limpa, elegante e austera.

O acabamento – As imagens inseridas no fôlder foram escolhidas de acordo com os significados atribuídos aos túmulos segundo pesquisa realizada pela professora Maria Elizia Borges (2002). A produção fotográfica foi feita no local, com estudos de composição e intensidade de luz, em horários diferentes. Utilizou-se o total de 104 fotos, das quais 6 ilustram o texto e 24 compõem a planta baixa. Criou-se um caminho visual, de acordo com a localização dos jazigos no mapa, para o visitante identificar mais facilmente o número que corresponde à imagem do texto, associando-o ao trajeto a ser percorrido no cemitério. A planta baixa tornou-se o elemento gráfico mais significativo na composição dos fôlderes de cemitérios, pois apresenta valores artísticos e simbólicos que descrevem os túmulos em breves textos explicativos, conforme os postulados da história da arte, além de possibilitar a sua localização.

Considerações finais

O fôlder foi elaborado para visitas guiadas no cemitério São Miguel da cidade de Goiás, e teve informações direcionadas às propostas de ações educativas. Os subsídios culturais, sociais e artísticos oferecidos visam auxiliar didaticamente. O vínculo com o público-alvo foi estabelecido devido à proposta de comunicar uma nova perspectiva educacional. Pois o fôlder constitui uma oportunidade para propagar e despertar o interesse pelo conhecimento artístico-cultural e histórico da Região Centro-Oeste, por permitir a explicação dos atributos existentes nos túmulos, o que o faz sobressair dos demais que abordam o tema cemitério.

A pesquisa desenvolvida sobre cemitérios padronizou uma hierarquia de assunto, favorecendo o planejamento visual de fôlderes com a mesma temática. Destacou a usabilidade de uma ferramenta de ensino, com a concepção de visualizar informações. Essa percepção estética envolvida na expressão cultural é responsável pelo rompimento com o preconceito existente sobre o local.

O fôlder *Cemitério São Miguel* apresentou por meio do processo visual um recurso importante na transmissão de um novo conhecimento. Organizou-se uma estrutura para que as informações fossem melhores visualizadas. O planejamento gráfico foi estabelecido conforme as características vigentes do local, fazendo com que a função do design ressaltasse o compromisso estético na comunicação social.

¹ - Há muito tempo os cemitérios vêm-se tornando atração turística, dadas as personalidades que se encontram enterradas em seus espaços. São exemplos o Père-Lachaise, de Paris, o Highate Cemetery, de Londres, o Arlington, de Washington, e tantos outros. No Brasil, recentemente, o Cemitério Consolação, em São Paulo, e o Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, entraram no circuito turístico de suas cidades por meio de visitas guiadas (SANTANA, 2002, p. 14).

² - Mais do que um local para enterrar os mortos. Também é uma fonte de história. Cada pedra fornece pistas sobre o passado. Através da visitação a cemitérios e do exame dos túmulos nós aprendemos sobre as pessoas que viveram em nossa região, suas crenças, valores e culturas. Para o historiador, o artista e o fotógrafo, um cemitério é um recurso tremendo. Uma visita a um cemitério local pode tornar-se uma excitante exploração da história. Kanetzke (1991, [s.p.]).

-
- ³ - O trabalho educativo em arte deve apresentar grande vitalidade e dinamismo, acrescido de processos criativos, pois se faz de uma forma interativa entre criança – adulto – ambiente natural e cultura. Ferraz e Fusari (1992, p. 11).
- ⁴ - “Para os alquimistas o verde simbolizava a luz da esmeralda que penetra todos os segredos. O ambivalente significado do raio verde, capaz de traspasar todas as coisas, evidencia-se como portador da morte, ao mesmo tempo em que traz a vida consigo” (PEDROSA, 1982, p. 113).

Referências

- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.
- _____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BECKER, Udo. *Dicionário dos símbolos*. Tradução de: Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890–1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto / Funerary art in Brazil (1890- 1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- _____. Crítica de Arte: Especificidade da Arte Funerária no Brasil e a Interdisciplinaridade das suas formas de exposição. *Visualidades: revista do programa de mestrado em Cultura Visual*. Goiânia. Ano 1 n.1, p 85-94, 2003.
- CANCLINI, Nestor García. *A socialização da arte teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL (São Paulo, SP). *Corpo Coletivo Alex Flemming: catálogo*. São Paulo: Banco do Brasil, 2001.
- CEMITÉRIO SANTANA. (Goiânia), UFG/Prefeitura Municipal de Goiânia, **folder**, 2001. [s.n.p.]
- COLLARO, Antônio Celso. *Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação*. São Paulo: Summus, 2000.
- FARIAS, Priscila L. *Tipografia digital: o impacto das novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Ed. 2AB, 1998.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DÜRSTELER, Juan Carlos, *Visualización de información: una visita guiada*. Barcelona: Gestión 2000, 2003.
- KANETZE, H. *Manual do docente: sentiment, sorrow and sepulcher: victorian mourning traditions*. Wisconsin: Museu Neville, 1991.
- MAC UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO./ MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP (São Paulo, SP). *Ciranda de formas: bichos: catálogo*. São Paulo, 2001. 38 p.
- MIRANDA, José Luiz Carneiro; GUSMÃO, Heloísa Rios. *Artigo científico: estrutura e redação*. Niterói: Intertexto, 2000.
- PEDROSA, Israel. *Da cor a cor inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda.; Ed. da UnB, 1982.
- PEÓN, Maria Luísa. *Sistema de identidade visual*. Rio de Janeiro: Ed. 2AB, 2000.
- RIBEIRO, Milton. *Planejamento visual gráfico*. Brasília: Linha Gráfica, 1997.
- PILLAR, Analice Dutra. (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Meditação, 1999.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (Rio de Janeiro, RJ). *Mostra Rio gravura: catálogo*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999.
- SANTANA, Marissol Martins de. *Cemitério Santana em Goiânia: museu a céu aberto*. 2002. 69 f. Monografia (Especialização em Artes Visuais) – Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, 2002.
- _____; MATUTINO, Aurisberg Leite; NOGUEIRA, Eva. A. da Costa. Cemitério Santana conta a sua História. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2., 2003, Rio de Janeiro. *Resumos...* Rio de Janeiro: Anped, 2003, p. 90.
- _____. Cemitério com fonte de ação educativa e cultural. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 14., 2003, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG. 2003. p. 213-214.

Marissol Martins de Santana, (responsável) e-mail: marissol.martins@ig.com.br

Maria Elizia Borges, e-mail: maeliza@terra.com.br